

Simonsen alerta contra recessão

DEOLINDA SARAIVA
Da Sucursal

Rio — Este é um ano conturbado, politicamente difícil e não deixará saudades: o PIB deverá cair 1,5 por cento, a inflação acumulada chegará a 550 por cento e a produção industrial apresentará queda de 2,5 por cento. Mas o superávit comercial, resultante da retração do mercado interno, irá a 10,5 bilhões de dólares. Uma das soluções para reduzir gradativamente a inflação pode ser a adoção de uma política de rendas que não implique em congelamento, mas que, aliada a medidas de aperto monetário, resulte na aplicação de um redutor mensal. Os salários, preços administrados e aluguéis seriam reajustados em 90 por cento do IPC do mês anterior e a inflação, ao final de 12 meses, chegaria a 5 por cento mensais.

As previsões e sugestões são dos economistas Mário Henrique Simonsen e Edmar Bacha, ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do IBGE, respectivamente, e estão circulando reservadamente entre os empresários nacionais, através de um vídeo produzido pela empresa MAP, Consultores de Risco. Bacha, integrante da equipe do ex-ministro

Funaro durante o Plano Cruzado, duvida agora que um congelamento puro e simples de preços e salários possa reverter a expectativa de inflação crescente nos próximos meses.

Mais pessimista do que Simonsen, ele prevê um índice de aumento do custo de vida em 25 por cento em maio e explica os motivos. A expansão da base monetária, alimentada pela necessidade do Governo em financiar seu déficit, aliada aos reajustes anuais dos dissídios superpostos à URP, são "uma combinação - explosiva", que necessariamente levam a inflação a subir. "O Governo tem dificuldade em implantar uma política fiscal austera. Ao tentar reduzir seus gastos, cortando empréstimos privilegiados e aumentando impostos, os grupos que serão afetados reagem. O Governo recua".

As previsões de queda do PIB, da atividade industrial e de elevação da inflação, acrescenta, levam o Governo a se ver tentando a promover novo choque de congelamento de preços e salários por curto período de tempo, principalmente para acabar com a indexação dos salários pela URP e abrir as portas a uma negociação com o FMI. Simonsen rebate Bacha, ao

duvidar de uma aceleração da inflação para esse patamar, porque a entrada da safra agrícola a partir desses meses alivia a pressão sobre os preços.

Ainda assim, o ex-ministro reconhece que "o Governo não pode ficar sentado sem nada fazer". Para ele, um programa nos moldes do FMI, de correção do déficit público para aumentar a oferta de financiamento do setor público, que possibilitaria ao País voltar a crescer economicamente, teria que estar necessariamente acoplado a uma política de rendas. "Não cabe, nesse caso, congelamento porque pressupõe o déficit zerado e esta proposta já está gasta, não teria mais efeito", disse.

Essa política de rendas, segundo Simonsen, deixaria de fora os preços atualmente em liberdade, mas implicaria em um redutor de 8,9 por cento ao mês sobre salários, preços administrados e aluguéis (ou 90 por cento do total da inflação do mês anterior). A proposta do ex-ministro, que reduziria gradativamente a inflação até o nível de 5 por cento ao final de 12 meses, também faria com que os salários, concluído esse período, tivessem uma perda real de 11,35 por cento.